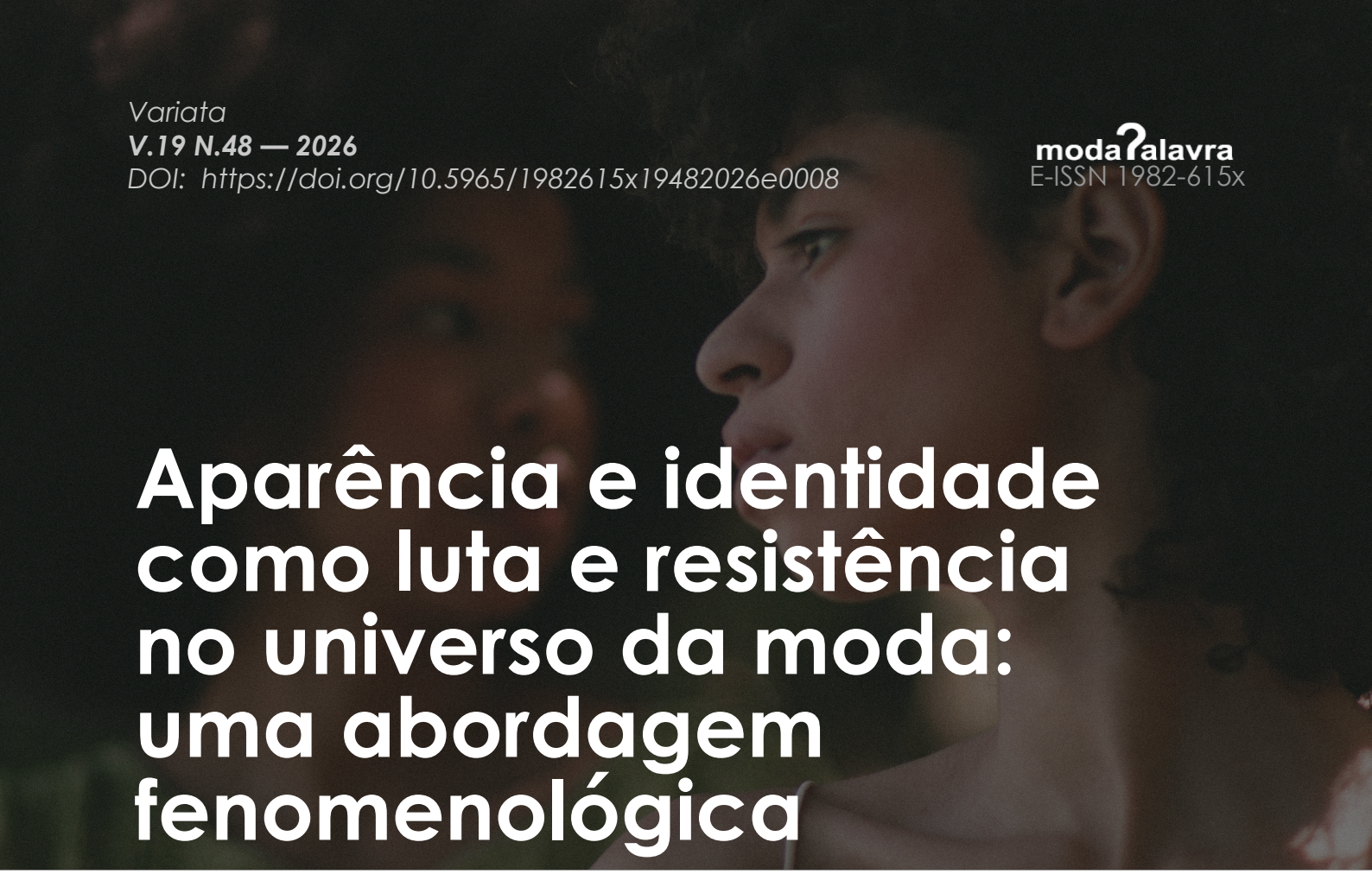
Variata
V.19 N.48 — 2026
DOI: https://doi.org/10.5965/1982615x19482026e0008

moda?alavra
E-ISSN 1982-615x



Aparência e identidade como luta e resistência no universo da moda: uma abordagem fenomenológica

Maria Nazareth Bis Pirola

Doutora, Universidade Federal do Espírito Santo | n.pirola@uol.com.br
Orcid: 0000-0003-2238-807X / Lattes: http://lattes.cnpq.br/4607461422669773

Renata Pitombo Cidreira

Doutora, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | pitomboc@yahoo.com.br
Orcid: 0000-0002-1281-623X / Lattes: http://lattes.cnpq.br/2005557247744604

Enviado: 26/09/2025 | Aceito: 24/06/2026

Aparência e identidade como luta e resistência no universo da moda: uma abordagem fenomenológica

RESUMO

Tem por objetivo compreender como a construção da identidade e da aparência são mecanismos de luta e de resistência no universo da moda. Procede à análise de três marcas de moda afro-brasileira, Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei. Recorre à fenomenologia compreensiva, com observação em desfiles de moda, visitas a lojas, anotações, filmagens, fotografias, e acompanhamento das redes sociais das marcas. Mobiliza autores que propiciam diálogo interdisciplinar entre as teorias da moda, cultura, aparência e identidade. Compreende que a composição da aparência se constitui em vetor expressivo, ativista e político dos sujeitos, garantindo estratégias não apenas de sobrevivência, mas de existência plena.

Palavras-chave: Aparência; Identidade; Moda; Resistência; Fenomenologia

Appearance and identity as fight and resistance in fashion universe: a phenomenological approach

ABSTRACT

This work aims to understand the construction of identity and appearance as a component mechanism of fight and resistance in the fashion universe. It brings together three Afro-Brazilian fashion brands: Goya Lopes, Katuka Africanidades, and Meninos Rei, for the analysis. In a phenomenological comprehensive approach, the methodological procedures include observational research at fashion shows, store visits, filming, photography, and following the brand's social media pages. The deployed authors provide an interdisciplinary dialogue between the theoretical contributions of fashion, communication, culture, appearance, and identity. The reflections indicate that the appearance composition constitutes an expressive, activist, and political vector of the subjects, which guarantees strategies not only for survival but for a full existence.

Keywords: *appearance; identity; fashion; resistance; phenomenology*

Apariencia e identidad como lucha y resistencia en el mundo de la moda: un enfoque fenomenológico

RESUMEN

El objetivo es comprender cómo la construcción de la identidad y la apariencia constituye un mecanismo de lucha y resistencia en el mundo de la moda. Analiza tres marcas de moda afrobrasileñas: Goya Lopes, Katuka Africanidades y Meninos Rei. Utiliza la fenomenología comprensiva que incluye la observación de desfiles, visitas a tiendas, notas, filmaciones, fotografías y el monitoreo de las redes sociales de las marcas. Convoca a autores que promueven un diálogo interdisciplinario entre las teorías de la moda, la cultura, la apariencia y la identidad. Entiende que la composición de la apariencia constituye un vector expresivo, activista y político para los sujetos, garantizando estrategias no solo para la supervivencia, sino también para la existencia plena.

Palabras-clave: *Apariencia; Identidad; Moda; Resistencia; Fenomenología*

1. INTRODUÇÃO

Segundo Lody (2015, p. 21), "certamente está no corpo o melhor espaço de realização e de comunicação" do amplo e rico conjunto de manifestações da cultura africana.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo discutir como a aparência se constitui em mecanismo de luta e de resistência no universo da moda, em especial, na moda afro-brasileira.

Para as discussões, observa um conjunto de iniciativas de três marcas sediadas em Salvador/BA, Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei. A escolha desse corpus justifica-se por critérios que incluem projeção nacional; longevidade de suas trajetórias; pioneirismo de suas propostas; e visibilidade alcançada no cenário da moda afro-brasileira contemporânea. Adota abordagem metodológica de inspiração fenomenológica e compreensiva, com pesquisa de observação em desfiles de moda nacionais, visitas a lojas e acompanhamento das redes sociais das marcas. Conta com instrumentos de coleta como filmagens, fotografias, tecidos, adereços e conteúdos dos perfis digitais das empresas.

No contexto atual, em que a moda passa a pautar temas tão caros à sociedade, como antirracismo, diversidade, inclusão, entre outros, é preciso rever a história contada nos livros tradicionais que constituíram saberes e subjetividades.

Nesse sentido, além do corpus escolhido propiciar de forma significativa esse debate, os autores mobilizados na pesquisa tecem um diálogo interdisciplinar entre os aportes teóricos da moda, cultura, aparência e identidade.

2. AS NOÇÕES DE IDENTIDADE

Quando Hall (2006) discute a questão da identidade, apresenta um cenário em que os quadros de referência nas sociedades modernas entram em abalo, na contramão de uma ancoragem dita estável. Nesse sentido, os indivíduos lidam com uma espécie de "perda de sentido de si" (Hall, 2006, p.9), provocada pela falta de estabilidade das velhas certezas fixas e imutáveis sobre as coisas do mundo.

Apesar de Hall (2006, p. 8) apontar que o conceito de identidade é "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e [...] compreendido na ciência social contemporânea", ainda assim, oferece três concepções que geralmente são usadas sobre o fenômeno: o sujeito do iluminismo; o sujeito sociológico; e o sujeito pós-moderno. A primeira noção concebe o indivíduo como um ser centrado, unificado, permanecendo assim ao longo da vida, ou seja, idêntico a si mesmo. Já a segunda concepção, na cadência da complexidade do mundo moderno, pensa o sujeito não mais como autônomo e autossuficiente, mas dependente da interação com as outras pessoas a seu redor, numa troca e diálogo com o mundo cultural, com as pessoas, seus sentidos e valores. Dessa concepção sociológica, Hall argumenta que há uma costura entre o mundo pessoal e o mundo público, conferindo certo equilíbrio nas projeções que o sujeito faz de sua identidade. Entretanto, o que dá lugar à terceira concepção é o argumento de uma ruptura desse equilíbrio entre sujeito e sociedade, dando lugar a identidades fragmentadas, ou a várias identidades (Hall, 2006). Nessa última concepção, a identidade passa a ser "uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (Hall, 2006, p. 13).

Esse sujeito antes centrado e estável descentra-se ao

longo dos tempos, e um dos fenômenos que participa desses processos é a linguagem, através das narrativas e discursos. Nesse sentido, o sujeito humano é entendido como uma "figura discursiva" (Hall, 2006, p. 23) cujos discursos têm uma grande força sobre a construção de suas identidades.

> As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Hall, 2006, p.50-51).

Outro aspecto que se deve levar em conta na discussão sobre a identidade é que, se na verdade, não se pode falar em uma identidade fixa e acabada, mas em identificações, esse fenômeno por si só – a identificação – inclui no processo um "outro", diferente de nós. Ainda que algumas narrativas tentem unificar as nações ou mesmo segmentos de público da sociedade para gerar certas identificações, não são capazes de unificar toda cultura num pacote só. Isso significa pensar que convivemos o tempo todo com as diferenças, com o outro, com o contraditório.

Nesse sentido, Kathryn Woodward, Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, aprofundam ainda mais essas discussões, ao problematizar que as antigas fontes de ancoragem da identidade, como a igreja e a família, por exemplo, entram em crise. Novos grupos, por exemplo, "se tornam visíveis na cena social, buscando afirmar suas identidades, ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das identidades até então hegemônicas" (Silva, 2000, contracapa).

Muniz Sodré (1999) também traz reflexões potentes sobre o campo identitário, ao afirmar que nosso país não tem só uma identidade, mas várias identidades, numa

"dinâmica múltipla de identificações, evidenciada pela forte heterogeneidade sociocultural da realidade sul-americana" (Sodré, 1999, p.31).

Pensar em identidade requer o reconhecimento de um "outro", de uma alteridade. A identidade não é fixa e acabada, mas está sempre em construção em nós, mesmo que seja imperceptível. A identidade tem uma dimensão de indeterminado, num fluxo livre e aberto (Sodré, 1999). Assim, pensar a identidade é compreender "um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive" (Sodré, 1999, p.34). Na prática, a identidade é aquilo de que nos lembramos (Sodré, 1999). E essa lembrança é possível mediada pela linguagem e seus mecanismos simbólicos onde "a identificação é fator dinâmico de integração do indivíduo no grupo e de mobilização de suas pulsões, afetos, escolhas" (Sodré, 1999, p.40).

Nessa relação sujeito versus o outro, um mundo indeterminado se apresenta a nós. Entretanto, a ordem social tenta estabilizar essas diferenças em modelos identitários para controlar essas pressões (Sodré, 1999).

Também em Sodré encontra-se a defesa de que a comunicação e a linguagem interferem no processo de construção de identidade, através das narrativas, práticas e discursos que "constituem o aspecto dinâmico que confronta as múltiplas identificações de um 'mesmo' variável e multiforme com a alteridade" (Sodré, 1999, p.46). Ao viver e praticar a cultura, na verdade, o que os sujeitos experimentam é uma variedade de repertórios. Assim, "a identidade é algo que se constrói, inventa-se, e sua vivência é alimentada pelos jogos existenciais e narrativos de uma comunidade" (Sodré, 1999, p.53).

3. A CONSTITUIÇÃO DA APARÊNCIA E ATIVISMO NA MODA

Na grande maioria das reflexões sobre moda, constata-se o quanto o setor tem uma característica de segmentação das classes sociais, etárias, de gênero e até mesmo de estilos de vida. Os estudos clássicos sobre a moda focalizam prioritariamente a dimensão distintiva presente no âmbito vestimentar e, consequentemente, sua perspectiva de exclusão de boa parte dos indivíduos.

Autores como Gabriel Tarde (1993) e mesmo Pierre Bourdieu (2007) privilegiam a abordagem distintiva quando se referem ao campo da moda. Os contributos de Tarde foram essenciais para compreender o mecanismo de funcionamento do sistema moda, evidenciando sua dimensão distintiva. O autor procura compreender a distinção como um mecanismo constitutivo da aventura humana, no que diz respeito às suas invenções e relações sociais. Em sua obra sobre As leis da imitação, Tarde (1993) analisa a imitação reconhecendo que há uma diferenciação entre os tempos em que reina o costume e os tempos modernos em que prevalece a moda. Desse modo, contribui para o reconhecimento da moda como um dispositivo capaz de promover alterações econômicas, políticas e sociais, modificando a própria noção de necessidade, injetando a novidade e a mudança constante como valores sociais.

Ainda que se reconheça que o conceito de imitação é a grande chave da obra tardiana, sabe-se que este mesmo conceito evoca a novidade e a distinção enquanto valores sociais partilhados.

Bourdieu (2007), por sua vez, dedica atenção especial à própria noção de distinção. Suas reflexões sobre a disposição estética, a partir da dinâmica dialógica entre distinção e pretensão, se constituem enquanto um sedimento frutífero

para o entendimento preliminar das relações de poder que se efetivam a partir das práticas vestimentares e de como estas mobilizam as relações entre classes sociais, particularmente tendo em vista os estilos de vida. Além disso, reforça a importância do gosto enquanto dispositivo prático de uma diferença inevitável. Nas palavras do autor: "A intolerância estética exerce violências terríveis" (Bourdieu, 2007, p. 57).

A partir daí, também se pode inferir como os jogos vestimentares se articulam nas estratificações não apenas sociais, com base em condições socioeconômicas, mas também promovem marcadores de gênero, de idade, de raça, que podem, eventualmente, estabelecer hierarquias e estimular desigualdades de oportunidades no âmbito social. Não se quer, de modo algum, minimizar suas contribuições, pois elas, além de seminais, continuam fundamentais para a reflexão sobre o campo da moda e suas inter-relações, mas é fundamental assinalar a outra ponta desta dinâmica bastante dialógica, para pensar sobre o potencial inclusivo da moda.

Para tanto, as contribuições de Georg Simmel são uma alternativa bastante potente para correlacionar os aspectos excludente e inclusivo do âmbito da aparência. Toda a sua formulação está assentada numa perspectiva dialógica que procura compreender os anseios aparentemente paradoxais do ser humano. Em questões fundamentais da sociologia (2006), o autor analisa o significado sociológico da semelhança e da diferença entre os indivíduos. Para o autor semelhança e diferença são, de múltiplas maneiras, os grandes princípios de todo o desenvolvimento externo e interno. Explica ainda que todo o apreço que temos pela novidade e pelo excepcional reside, de certa forma, numa "sensibilidade para a diferença" que constitui os indivíduos. Mas ao mesmo tempo, há também a necessidade dos sujeitos se sentirem acolhidos numa determinada comunidade, de partilhar hábitos, condutas e valores semelhantes.

Simmel se utiliza de uma metáfora bastante interessante, da ponte e da porta, para desenvolver o argumento dialógico da inclusão e da exclusão, da separação e da ligação. Simbolicamente e corporalmente os indivíduos são, "a cada instante, aqueles que separam o que está ligado e o que ligam o que está separado" (Simmel, 1988, p.162). Ao superar um obstáculo, a ponte simboliza a extensão da esfera volitiva no espaço e este artefato também se constitui de um valor estético. Já a porta ilustra de maneira mais clara o fato de que separação e ligação são dois aspectos do mesmo ato. "A porta [...] cria uma junção entre o espaço do homem e tudo o que está fora dele, abolindo a separação entre interior e exterior" (Simmel, 1988, p. 164). Entretanto, a porta também pode impor limites.

A metáfora da ponte e da porta é acolhida aqui para refletir justamente sobre a dinâmica dialógica da moda que une e separa ao mesmo tempo, que distingue e assemelha, que exclui e inclui.

A dimensão política da moda tem a capacidade de colocar em disputa posições nos processos das interações sociais, ora estabelecendo o mecanismo de distinção e de distanciamento, ora favorecendo proximidade e reconhecimento. Ainda que as classes sociais permaneçam como um demarcador das diferenças e exclusões, outros fatores também são dispositivos excludentes, tais como faixa etária, questão racial, gênero, entre outros marcadores da diferença. A aparência, mais do que a classe social, comparece como um vetor antropológico categórico para a discriminação. Tal fato tem mudado pouco a pouco, pois a composição da aparência se constitui como um mecanismo potente para a afirmação de si e ocupação de espaços antes negados a certos corpos.

Nesse sentido, nas formas de sociabilidade ensejadas pelas interações entre os indivíduos, ora os sujeitos assumem um protagonismo e posições de comando, ora são coadjuvantes

e que se submetem a certas condições que lhes são impostas.

Mas é preciso garantir que nas dinâmicas de sociação, as pessoas alternam esses papéis, não se conformando em assumir apenas um dos personagens. Neste sentido, a roupa e a moda podem se constituir enquanto armaduras potentes que preparam os indivíduos para o enfrentamento das disputas sociais, garantindo uma estratégia não apenas de sobrevivência, mas de uma existência plena, sem receios, sem medos e sem apagamentos.

Ao refletir sobre a questão do racismo, por exemplo, bell hooks (2019, p. 150) mostra o potencial político da aparência e da estética, a partir de práticas de resistência e, sobretudo, a "entender a beleza como uma força a ser produzida e imaginada". A incorporação de determinadas vestes fortalece e prepara as pessoas para os enfrentamentos cotidianos. Muniz Sodré (2023), quando discute o fascismo da cor e a forma social escravista, propõe uma reflexão que aponta para a importância da aparência na definição das possibilidades de inserção social. "Aparência, desde a cor da pele até a roupa, é uma categoria que se constrói socialmente e que atribui poder social, conforme os quadros de referência instituídos" (Sodré, 2023, p. 61).

As pesquisas brasileiras sobre a moda têm se confrontado com essa dimensão ativista. Dois trabalhos são seminais. O primeiro deles, das autoras Miranda e Domingues (2018), discorre sobre o consumo contemporâneo procurando entender se existe, de fato, o ativismo no consumo ou se tudo é apenas marketing. As autoras fazem um instigante mapeamento do consumo contemporâneo a partir da noção de consumerismo que, segundo Michele Micheletti (2003), trata-se do exercício político engajado do poder de escolha no consumo. Empoderamento feminino, igualdade racial, equidade entre os gêneros e equidade entre as faixas etárias, são algumas das causas abraçadas pelo consumidor que atua

como cidadão, exercendo sua capacidade de manifestação e reivindicação atuando para o bem social coletivo. Nas palavras das autoras:

> Consumidores se tornam comunicadores e multiplicadores de discursos políticos definindo o consumidor-cidadão que busca demonstrar suas adesões e seus apoios a causas atuais por meio do ato de consumo como disseminador de narrativas agora visibilizadas em rede, entendendo os mesmos como difusores de comportamento e propagadores do que chamaremos aqui de consumo de ativismo (Miranda; Domingues, 2018, p. 83).

Domingues e Miranda defendem que o consumidor de moda pode exercitar o consumo como ato político e exercício da cidadania, destacando, sobretudo, valores como autodeterminação e filantropia. Trata-se de um consumo consciente que se encontra vinculado a preocupações que permeiam questões ambientais e sociais no campo da produção dos produtos de moda, envolvendo os impactos na sociedade e no meio ambiente; bem como motivações relativas à autoafirmação, à proclamação de um modo de vida, de um modo de ser.

Outro trabalho representativo é Modativismo: Quando a moda encontra a luta (2024), de Carol Barreto, cuja preocupação concentra-se em perceber o papel da moda e da aparência "nos processos de autorreconhecimento e de empoderamento de mulheres negras na contemporaneidade" (Barreto, 2024, p. 11), valorizando a moda não apenas pela sua materialidade, mas pelo seu legado imaterial e por sua potência de transformação social. A autora atesta a importância da moda na construção de imagem e de autonomia de mulheres negras, fomentando a compreensão da dimensão política das práticas vestimentares. Barreto enfatiza, como já focalizado

por outros autores, a importância da aparência e das vestes como campos em que são mais visíveis os marcadores sociais das diferenças, tais como raça, gênero, geração, entre outros. Por isso mesmo o importante papel das vestes e da composição da aparência na construção de imagens e de autoimagens que contribuam para a formulação de interações sociais, que possam se dissociar de imagens de grupos historicamente impostas como hegemônicas. É contra essa hegemonia que é preciso lutar. "[...] Contribuir para elaboração de outros espelhos que possam refletir verdadeiramente quem eu sou em extensão às mulheres que me antecederam e aquelas que surgiram depois de mim" (Barreto, 2024, p. 47), corrobora a autora.

Campos e Cidreira (2020) mostram também como a roupa e a moda são possibilidades de autoafirmação. Suas articulações enfatizam a potência da aparência enquanto vetor expressivo, ativista, político. As vestes como armaduras que protegem e, ao mesmo tempo, preparam e adornam o corpo para a luta na vida social, sobretudo quando esta se faz necessária quase que cotidianamente, uma vez que o corpo que se dá a ver não corresponde necessariamente aos espelhos já estabelecidos e reconhecidos socialmente.

4. A FENOMENOLOGIA NAS PESQUISAS EM MODA

Para aproximar as pesquisas em moda da abordagem fenomenológica, acionam-se aqui autores que se debruçaram sobre as obras de Edmund Husserl (Cerbone, 2014); de Merleau-Ponty (Valverde, 2018); e de Georg Simmel (Cidreira, 2014; Waizbort, 2000; Maffesoli, 1998).

A fenomenologia está interessada com os modos pelos quais as coisas aparecem para os sujeitos. Nesse sentido, focar a atenção na experiência do mundo é o primeiro passo

na prática fenomenológica. Essa atenção ao olhar os objetos do mundo já significa por si só que os indivíduos agem intencionalmente. Nessa relação, os objetos só se mostram de forma parcial, em perspectivas (Cerbone, 2014).

Os fenômenos que aparecem à consciência não admitem a distinção é/parece, pois, para a fenomenologia, não há para a aparição senão seu aparecer. Assim, a palavra-chave da fenomenologia não é realidade, mas possibilidade (Cerbone, 2014).

Os caminhos semeados por Husserl foram retomados e desenvolvidos por Merleau-Ponty em Fenomenologia da Percepção, apontando que o corpo é o meio de toda a percepção (Cerbone, 2014).

Valverde (2018, p. 67), lembra que para Merleau-Ponty, "só podemos perceber o mundo porque o habitamos, antes de tudo, pelos movimentos de nosso corpo próprio". Nesse sentido, os indivíduos estão amalgamados nessa instituição sócio-histórica chamada mundo sensível, e por isso, a existência só pode ser concebida como "coexistência [...] – uma verdadeira comunhão sensível -, [...] seja no âmbito afetivo, no plano prático ou mesmo no domínio das ideias abstratas" (Valverde, 2018, p.80).

Já Cidreira (2014) traz uma visão da moda numa perspectiva compreensiva. Segundo a autora, "a especificidade da abordagem compreensiva está em atribuir uma atenção especial aos dados qualitativos, integrando o observador e o observado nos procedimentos de observação" (Cidreira, 2014, p. 17). É uma pesquisa do sentido, "atenta para as intenções, motivações, valores dos atores, crenças [...] que visa à compreensão dos fenômenos" (Cidreira, 2014, p.17). Um ponto importante destacado é que as pesquisas desse tronco teórico não pretendem explicar as coisas, típicas do positivismo, mas compreendê-las. Além da reflexão e compreensão, o pensamento compreensivo adota a

interpretação e a importância dada ao contexto de observação. A autora traz ainda os pontos-chave do pensamento de Husserl, ao afirmar que é preciso "procurar o sentido e não a explicação, pois a explicação fecha o sentido" (Cidreira, 2014, p.21).

Ao discutir mais diretamente o método fenomenológico, Cerbone (2014) ressalta suas fases fundamentais. Na fase da redução, também chamada de epoché, exclusão ou suspensão, o pesquisador deve focar sua atenção na experiência mesma do fenômeno, suspendendo momentaneamente suas pré-noções e julgamentos sobre as coisas. Já na etapa da descrição, deve evitar perguntas do tipo "o que é isso" e formular questões preferencialmente do tipo "como", já que possibilitam maior riqueza no entendimento do processo (Cerbone, 2014).

Maffesoli (1998), mobilizando os princípios fenomenológicos, sintetiza-o em descrição, intuição e metáfora. Segundo o autor, na fase da descrição, é preciso que o pesquisador esteja atento aos detalhes do fenômeno, de forma paciente e sem pressa de concluir. Na descrição é fundamental observar minuciosamente as coisas e fazer sobressair as características do objeto analisado. Já com a intuição, há uma espécie de saber incorporado. O olhar intuitivo brota da vida. Assim, é preciso farejar o mundo e se aproximar do objeto, numa espécie de "nascer com". Já na prática do pensamento metafórico, o pesquisador pode lançar mão de comparações. A metáfora, entendida aqui como transporte do sentido, não impõe conceitos, nem diz o que as coisas são ou significam, mas abre outras possibilidades de sentido.

Com o aprofundamento no estudo da fenomenologia, nota-se que uma etapa importante da pesquisa quase não aparece na literatura consultada: a redação da pesquisa fenomenológica. Para isso, a sociologia compreensiva de Georg Simmel tem grande valor. Segundo Waizbort (2000),

o processo típico de pensamento e escrita de Simmel era o ensaio. Conforme o autor, "para quem passeia, o caminho e a paisagem são mais importantes do que o ponto de chegada" (Waizbort, 2000, p. 35). Nesse sentido, o pesquisador ensaísta "constrói o ensaio e seus objetos enquanto pensa e escreve, enquanto apalpa, localiza, comprova, indaga, duvida, reflete, indica, medita, resolve, escava, procura" (Waizbort, 2000, p.51).

Em diálogo com essas bases teóricas, propõe-se aqui uma organização da abordagem fenomenológica com algumas condutas que podem ser acionadas pelos pesquisadores. Contudo, essa sistematização não significa um engessamento da pesquisa ou mesmo uma ordem a ser seguida. Afinal, com o olhar fenomenológico, os protocolos demandados podem surgir no caminho, conforme as necessidades e natureza do próprio objeto. Igualmente, as experiências nessa interação são únicas. Assim, o pesquisador, à medida que pesquisa, também pesquisa a si mesmo. Para melhor compreensão, as fases discutidas anteriormente são sintetizadas na tabela a seguir:

Tabela 1: A Abordagem Fenomenológica

Fases	**Procedimentos**
Suspensão	Suspender as pré-noções, imergir, se deixar guiar no fluxo mesmo da experiência; retornar a atenção aos fenômenos como se mostram; contemplar e sentir com todos os sentidos.
Descrição	Observar atentamente e pacientemente os fenômenos em sua aparência, perceber seus detalhes e fazer sobressair suas características: forma, cor, tamanho, textura, cheiro, sabor, sons, materialidades, informações gerais.
Intuição	Se aproximar, desconfiar, aprender com o fenômeno; dar ouvidos às polifonias da vida cotidiana.
Compreensão	Metaforizar/comparar, imaginar, interpretar, relacionar, contextualizar; transportar o pensamento para outros quadros possíveis; perder a ânsia de nomear, explicar ou concluir.

Instrumentos de coleta/apoio	Anotações, conversas, gravações em áudio, vídeo, fotografias, prints de redes sociais, amostras físicas de materiais, etc.
Diálogo com outras metodologias	Resguardando os princípios básicos da fenomenologia, é perfeitamente possível dialogar com outras metodologias.
Redação da pesquisa	A escrita pode se valer do ensaio, que permite argumentação e reflexão aprofundada sobre um tema; pode mesclar relatos/narração de experiência, já que esta é a base da fenomenologia; ser descritiva, com riqueza de detalhes, formas, cores e sabores.

Fonte: produção própria

Com essas perspectivas, a fenomenologia compreensiva se mostra potente para compreender os modos de vida da moda, protagonizada por sujeitos que, por meio das vestes, constroem cotidianamente suas aparências para dar sentido ao mundo e a si mesmo.

5. APARÊNCIA E IDENTIDADE COMO LUTA E RESISTÊNCIA NA MODA: GOYA LOPES, KATUKA AFRICANIDADES E MENINOS REI

5.1 A imersão – se deixar guiar no fluxo da experiência

Exercitando a primeira etapa do método fenomenológico, a suspensão, buscou-se guiar os sentidos no fluxo mesmo da experiência, voltando a atenção aos fenômenos como se mostravam.

Assim, realizou-se, primeiramente, a imersão junto às iniciativas das marcas Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei. Nas visitas às lojas, foi possível tocar os tecidos, perceber suas texturas, formas e cores. As roupas foram vestidas e sentidas; desfiles, rodas de conversa e palestras com estilistas fizeram parte da imersão em diversos momentos.

Desde o início da pesquisa, intuiu-se que para

"investigar" a moda afro-brasileira, seria preciso, primeiro, viver sua cultura. Em vez de falar sobre ou de fora, percebeu-se a importância de falar com, estar junto (Maffesoli, 1998). Não foi utilizado nenhum tipo de questionário ou perguntas estruturadas, mas uma escuta atenta. Foi possível perceber as visões das marcas, suas vivências sobre moda, cultura, estética, mercado; seus processos criativos, compras, produção e vendas. Aprendemos sobre história e cultura negra, política e resistência; suas inspirações e tecnologias ancestrais. Dia após dia, semanas, meses. Ouvir, conversar e sentir. Sem ânsia de perguntar ou concluir, só mesmo ouvir aquelas aulas vivas sobre o fazer moda afro-brasileira.

A seguir, partilha-se um pouco mais desses espaços, seus mitos, ritos e memórias, construídos e vividos em seus corpos, tecidos e adornos.

5.2 A descrição – os fenômenos em sua aparência

Na fase da descrição, fez-se a observação atenta dos fenômenos em sua aparência, seus detalhes e características: as formas das roupas e adereços, cores, tamanhos, texturas e materialidades diversas. Assim, o mergulho na cultura afro-brasileira de Goya Lopes, Katuka Africanidades e Meninos Rei, contou com o auxílio de anotações, conversas, gravações em áudio, vídeos, fotografias, *prints* de redes sociais, e principalmente, amostras físicas de materiais (roupas e adereços).

Pioneira na construção do design intitulado afro-brasileiro, a artista e designer Goya Lopes, em sua trajetória profissional, sempre buscou estudar, enaltecer e divulgar a cultura afro-brasileira. Nos momentos em que os movimentos de brasilidade cultuavam apenas fauna e flora, Goya, inquieta, já se interrogava onde estavam os elementos afro-brasileiros

nessa construção. Com mais de 40 anos de carreira, com sólida projeção nacional e internacional, Goya Lopes produz para os públicos feminino, masculino e infantil, com variedade de peças e modelagem, tais como, vestidos, blusas, calças, bermudas e echarpes.

Figura 1 - Echarpe Quilombo



Fonte: Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024

Um de seus recentes lançamentos é a coleção "Nossa Ancestralidade: é a mãe África", que defende o conhecimento das escrevivências, com um olhar para o coletivo, ouvindo a "ancestralidade numa escuta sentida para o conhecimento e autoconhecimento. É um movimento que respeita as singularidades e diversidades" (Goya Lopes, acesso 22 maio 2024). Nessa coleção, destacamos a echarpe intitulada Quilombo (Figura 1), que retrata o "local de refúgio, aldeia de africanos e afrodescendentes, onde se defendiam, resgatavam a cosmovisão africana e os laços com suas origens" (Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024). Em fundo preto e formas em amarelo e branco, surgem figuras de aldeias, árvores, rios e montanhas impressos no tecido, numa espécie de mapa. Assim, lembrar, por meio dos tecidos, as histórias e culturas de um povo, é garantir a memória e respeitar a ancestralidade. Goya também traz outras referências da

cultura africana nas roupas, como por exemplo, um vestido catalogado como "Oxum", com cores verde, vermelha, branca e preta. A estampa conta com "mulheres dançando em homenagem à orixá das águas doces, dos rios, das cachoeiras, do amor, da beleza, da riqueza e da diplomacia" (Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024). Também, em seu site, podemos encontrar outras peças, como um vestido azul com detalhes em amarelo e vermelho claro, descrito como "baobá", uma referência ao baobá, árvore africana. Segundo a artista, essa estampa remete à conexão existente entre os mundos natural e sobrenatural. As raízes do baobá "representam os ancestrais e a memória da comunidade, enquanto o tronco representa os jovens e as crianças, que estão sempre em crescimento" (Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024). Já em uma camiseta de nome "dança", com fundo branco e figuras nas cores laranja terra, assim foi chamada por Goya para lembrar que na cultura africana os acontecimentos do cotidiano "são comemorados com a dança: nascimento, casamento, morte, colheita, guerra, alegria, tristeza, exorcismo e agradecimento" (Goya Lopes, acesso em 22 maio 2024).

Nesses três recortes de Goya Lopes percebe-se como suas roupas viram verdadeiros meios de comunicação onde são impressas suas histórias e cultura, lembrando, assim, as discussões de Hall (2006) para quem os discursos têm uma grande força sobre a construção das identidades dos sujeitos, uma maneira de construir não só os sentidos, mas de organizar nossas ações e concepções de nós mesmos.

Figura 2: Katuka Africanidades



Fonte: Katuka, acesso em 01 set 2025

Em uma esquina potente da Praça da Sé/Centro Histórico de Salvador-BA, pode-se ver de longe as cores e formas que captam os olhares dos transeuntes. Trata-se da Katuka Africanidades (Figura 2).

Comprometida com as matrizes afro-brasileiras na moda, a marca engloba as empresas Katuka Africanidades, Mercado Negro Katuka e o selo literário Katuka Edições. Ou seja, moda, arte e literatura são as bases do pensamento da marca, não se separam ou se excluem. É um todo coeso. Para o diretor criativo da marca, Renato Carneiro, "para o afro brasileiro, o estético é também um instrumento de empoderamento, de afirmação e ocupação de um espaço político" (Katuka, 01 set 2025).

Como exemplo, uma de suas coleções, intitulada "Alfabeto Infinito", toma como inspiração as escritas africanas. Nesse sentido, a Katuka Africanidades defende que ao trazer a estética africana e seus sentidos para as vestes cotidianas contribui para a "reafirmação das identidades afro-brasileiras e constrói um mecanismo de elevação da autoestima dos indivíduos em relação ao seu pertencimento racial" (Katuka, acesso em 01 set 2025). Com a moda da Katuka, ecoa as

discussões de hooks (2019) sobre o potencial político da aparência e da estética, fazendo das vestes mecanismos de fortalecimento para os enfrentamentos cotidianos; e do modativismo de Carol Barreto (2024) sobre o papel da moda e da aparência nos processos de autorreconhecimento e de empoderamento.

Já com a marca Meninos Rei, realizou-se o acompanhamento de perto do desfile da edição nº 54, na São Paulo Fashion Week, em maio/2023. Com as luzes apagadas, uma voz potente inicia o desfile. Aos poucos, a passarela ganha luz e surge a cantora Larissa Luz (Figura 3), cantando "procura-se bonecas pretas", cujo conteúdo é uma contundente crítica ao sistema de representação das pessoas pretas na mídia, uma vez que as representações na moda sempre perpetuaram, majoritariamente, corpos brancos, altos, magros. No meio do desfile, ao som de "ôh gira deixa a gira girar. Deixa a gira girar, saravá yansã", surge uma modelo dançando em toda a extensão da passarela, em homenagem à Oyá, conhecida na religião de matriz africana como rainha dos raios e trovões. Além disso, em outros momentos do desfile a marca traz modelos idosas, em referência à ancestralidade; modelos com uma perna amputada ou em cadeira de rodas; modelos com vitiligo na pele; entre outros corpos que afirmam a diversidade.

Figura 3: Meninos Rei – cantora Larissa Luz



Fonte: SPFW, acesso em 22 maio 2024

Na edição de nº 53, intitulada "Meu Ori Minha Voz" (Figura 4), tem-se o tecido africano colorido, vestindo um corpo negro, e o adorno no pescoço, uma penca de balangandã.

Figura 4: Meninos Rei - Meu Ori Minha Voz



Fonte: SPFW, acesso em 22 maio 2024

Assim, a marca mostra seu compromisso com o culto à ancestralidade e a valorização da cultura africana.

As pencas de balangandãs eram um tipo de joia denominada joias de crioulas, usadas na cintura das chamadas escravas "alugadas ou de ganho", entre os séculos XVIII e XIX. A joia é composta por uma espécie de molho com vários objetos pequenos afixados numa nave com corrente de prata.

Segundo Lody, esses objetos têm "finalidades simbólicas também distintas, inclusive, a de amuleto" (Lody, 2015, p. 39).

Em outras edições, como a de nº 55, por exemplo, a Meninos Rei imprime suas principais pautas no próprio tecido, através de palavras como ancestralidade, axé, resiliência, beleza, poder, força, afro, tribo. Com o título "Pop Ancestral", é como se o tecido, essa segunda pele (McLuhan, 1964), imprimisse no próprio corpo os valores da comunidade.

Assim, seja no canto, na dança, nas pencas de balangandãs, na diversidade dos corpos ou na impressão da ancestralidade afro-brasileira em seus tecidos, a Meninos Rei traz o que Sodré (1999) ensina sobre o campo identitário, mostrando as múltiplas formas de identificações, a partir de nossa forte heterogeneidade sociocultural.

5.3 A compreensão e os sentidos vividos

Com as fases fenomenológicas anteriores descritas e vividas, chega-se à construção da compreensão, comparando, interpretando, relacionando e contextualizando. A experiência com essas três marcas permitiu transportar o pensamento para outros quadros possíveis.

Simmel, em seus escritos sobre os sentidos, defende que é possível "ler na aparência de um ser humano a história de sua vida e ver o que constitui sua essência espiritual" (Simmel, 1981, p.8).

Ao comparar o percurso das três marcas, descritos na seção anterior, constatou-se na "composição de suas aparências" (Cidreira, 2020) algumas características em comum: o culto à ancestralidade; a afirmação de suas culturas, saberes e fazeres; e o senso de comunidade. Sem ânsia de explicar ou concluir, o que se destaca é que essa

tríade é o próprio cerne do ativismo e da resistência na moda afro-brasileira contemporânea.

Muitos teóricos preferem falar de resistência em vez de uma revolução "completa", entendendo que a ideia de resistência expressa melhor as batalhas em movimento, de pequena escala, em luta contínua (Barnard, 2003).

Assim, a iniciativa de Goya Lopes, por meio da echarpe quilombo ou do vestido com o baobá, dialoga com Sodré (1999), ao afirmar que as formas de vida ou formas sociais são contadas e narradas. As narrativas são garantidoras de memória coletiva e "integram a forma social constitutiva de uma identidade coletiva" (Sodré, 1999, p.117).

A Katuka Africanidades, ao resgatar as escritas africanas, de certa forma, está em sintonia com o pensamento de Nascimento (2022), em Adinkra: sabedoria em símbolos africanos, ao afirmar que "durante milênios, os povos soberanos da África têm sido agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo mundo" (Nascimento, 2022, p.19).

Dessa forma, estudar essas referências não é uma demanda apenas do movimento social negro, mas uma necessidade de toda a sociedade. Afinal, passou a ser "matéria de lei a necessidade de assumir o legado africano como uma precondição essencial do aprender e do conhecer" (Nascimento, 2022, p. 15).

Já a marca Meninos Rei, além de ecoar nas passarelas as pautas importantes da população negra, leva também a sua comunidade para cantar e dançar juntos. Com seu "ori", em referência à mitologia dos orixás, vai dividindo a missão de criar mundos possíveis, zelando pela natureza, pessoas e condições da vida em sociedade (Prandi, 2001).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se refletir como a composição da aparência e a afirmação das identidades se constituem em mecanismo de luta e de resistência no universo da moda. Para isso, mobilizou-se uma base teórica que discute as noções de identidade, moda, cultura, aparência e ativismo.

Sabendo que as pesquisas em moda podem adotar diferentes percursos teóricos e metodológicos, apresenta-se a abordagem fenomenológica compreensiva como possibilidade para pesquisadores/sujeitos/corpos que vivem, sentem, significam e interagem com as coexistências do mundo. A partir de exemplos de três marcas de moda afro-brasileira, pode-se perceber como as práticas vestimentares são potentes na construção da identidade dos sujeitos.

As análises feitas ajudam a compreender que a dimensão política da moda tem a capacidade de colocar em disputa posições nos processos das interações sociais, ora estabelecendo distinção e distanciamento, ora favorecendo proximidade e reconhecimento.

Nas iniciativas das três marcas prepondera a reiteração da estética africana, calcada na afirmação de suas aparências, composta por tecidos, adornos, ritos, danças, objetos. Essa forma de constituição das aparências e performances nas práticas da moda desvela uma prática singular de estética, no sentido de estar e fruir juntos uma experiência. Nessa dança, seus integrantes se reconhecem, se acolhem, se fortalecem, num verdadeiro "nascer com".

As noções de beleza e de estética estão intimamente relacionadas aos conceitos de pertencimento. Mas para isso, é preciso que as pessoas se sintam representadas nas diversas narrativas e espaços da sociedade.

Nesse sentido, os meios de comunicação, através do jornalismo, da publicidade, da literatura, e da moda, têm

papel crucial, uma vez que são fortes agentes construtores de identidade. Infelizmente, nem sempre algumas parcelas da sociedade são apresentadas de forma digna. Ao contrário, sofrem com o julgamento e preconceito, sendo conotados, muitas vezes como seres fora da imagem ideal. Esse cenário tem mudado pouco a pouco nos espaços de representatividade. Assim, se o sistema *mainstream* atua na lógica da reprodução de corpos padrão e estereótipos preconceituosos, a moda afro-brasileira contemporânea responde com luta e resistência. Suas performances põem em xeque a tentativa da moda perpetuar imagens e identidades hegemônicas.

Como discutido, a aparência, mais do que a classe social, comparece como um vetor antropológico categórico para a discriminação. Nesse sentido, defende-se que a composição da aparência se constitui como um mecanismo potente para a afirmação de si e de ocupação de espaços antes negados a certas parcelas da sociedade.

Cabe à moda, como meio de comunicação e de construção de identidades, mas também como modo de vida, promover pontes, lugares de trânsito e de diálogo para as diversas realidades, corporalidades e contextos sociais. É preciso incluir mais cadeiras nas mesas de decisões, e convidar a comunidade para dançar.

CRÉDITO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M.N.B. Pirola, R.P.Cidreira

Coleta de dados: M.N.B. Pirola, R.P.Cidreira

Análise de dados: M.N.B. Pirola, R.P.Cidreira

Discussão dos resultados: M.N.B. Pirola, R.P.Cidreira

Revisão e aprovação: M.N.B. Pirola, R.P.Cidreira

Declaração sobre o uso de IA generativa e tecnologias assistidas por IA no processo de escrita

Os autores declaram que não utilizaram nenhuma ferramenta de IA generativa no processo de escrita deste manuscrito.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Carol. **Modativismo:** Quando a moda encontra a luta. São Paulo: Paralela, 2024.

BOURDIEU. Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. E. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CAMPOS, Baga de Bagaceira; CIDREIRA, Renata Pitombo. **A dimensão política das vestes de babado e amor**: violências e resistências. In: Revista Gênero, Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero do Programa de estudos Pós-graduados em Política Social - Universidade Federal Fluminense, vol. 2, n.1, 2020.

CERBONE, David R. **Fenomenologia.** Tradução de Caesar Souza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2014.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Aparência e Sensibilidade na Cultura. In: **Memória e Sensibilidade na Cultura Contemporânea**. Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020.

GOYA LOPES. Site. Disponível em <https://goyalopes.com.br/collections/nossa-ancestralidade-e-a-mae-africa>. Acesso em 22 maio 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. Uma estética da negritude: estranha e opositiva. In HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais.** Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Elefante Editora, 2019, pp.148-160.

KATUKA. Site. Disponível em <https://katuka.com.br/moda-editoriais/> Acesso em 01 set maio 2025.

LODY, Raul. **Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MICHELETTI, Michele. **Political Virtue and Shopping – Individuals, Consumerism and Collective Action**. Londres: Palgrave Macmillian, 2003.

MIRANDA, Ana Paula; Domingues, Izabela. **Consumo de ativismo**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. La mode. In: **La Tragedie de la Culture**. Traduit par Sabine Cornille et Philippe Ivernel.Paris: Edition Rivages, 1988.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SIMMEL, Georg. Essai sur la sociologie des sens. In: **Sociologie et** Épistémologie, Presses Universitaires de France, 1ª edição de 1981.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SPFW. Disponível em <https://spfw.com.br/desfile/meninos-rei/>. Acesso em 22 maio 2024.

SPFW. Disponível em <https://spfw.com.br/desfile/meninos-rei-3/>. Acesso em 22 maio 2024.

TARDE, Gabriel de. **Les lois de l'imitation**. Paris: Editions Kimé, 1993.

VALVERDE, Monclar. **A instituição do sensível:uma hermenêutica da experiência estética**.Aracajú: J.Andrade, 2018.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed.34, 2000.